

FERNANDO PESSOA EXISTENCIALISTA:

uma leitura de Álvaro de Campos na ótica de Sartre¹

*Lucas Viana Silva**

RESUMO

O artigo faz uma análise filosófica da poesia de Fernando Pessoa, através do seu heterônimo Álvaro de Campos, a partir de existencialismo expresso no romance *A Náusea*, de Jean-Paul Sartre. Coloca alguns elementos básicos deste pensamento filosófico, como a assertiva de que “existir é ser um ser possível”. A partir daí, trata da existência como contingência, e do sentimento de Náusea, provocado pelo sentir-se existente. Faz alusão ao sentimento de cansaço que Álvaro de Campos expressa em sua poesia, relacionando-o com a não realização das possibilidades elegidas pelo existente.

Palavras-chave: Fernando Pessoa. Álvaro de Campos. Poesia. Existencialismo. Jean-Paul Sartre. *A Náusea*.

ABSTRACT

The paper analyses in a philosophical way. Fernando Pessoa's poetry by means of his heteronymous Álvaro de Campos, from existentialism expressed in the novel *Nausea* by Jean-Paul Sartre. It puts some basic elements of this philosophical thinking such as the assertion that “to exist is to be a possible being”. From this, it considers existence as contingency and the feeling of Nausea provoked by feeling oneself existent. It makes an allusion to the feeling of fatigue that Álvaro de Campos expresses in his poetry, relating it with the lack of achievement of possibilities chosen the existent.

Keywords: Fernando Pessoa. Álvaro de Campos. Poetry. Existentialism. Jean-Paul Sartre. *Nausea*.

¹ Artigo apresentado no Seminário **A questão da liberdade**: 100 anos de Jean-Paul Sartre, o pensador de sempre, ministrado no Instituto de Estudos Superiores do Maranhão, aos 21 de junho de 2005, sob orientação da Prof. Maria Celeste Miranda Pinheiro.

*Aluno de 5º período do Curso de Filosofia do Instituto de Estudos Superiores do Maranhão.

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise do fazer poético de Fernando Pessoa, a partir das poesias de seu heterônimo Álvaro de Campos. Não se propõe, no entanto, a fazer uma mera leitura literária, mas uma reflexão filosófica a partir dos textos propostos. Para isso, utiliza-se de Jean-Paul Sartre, filósofo existencialista, em quem foi possível identificar elementos próximos com aquilo a que se propôs a investigar.

Para não correr o risco de cair num subjetivismo, é preciso fazer uma passagem, que compreende subjetividade-objetividade-universalidade. A subjetividade poética de Fernando Pessoa é manifestada na poesia. Mas, ao escrevê-las, estas se tornam uma realidade objetiva, fora dele. Mais ainda, é assim porque Fernando Pessoa cria um outro eu diferente de si: Álvaro de Campos, para expressar seu sentimento. A expressão poética de Álvaro de Campos, como as reflexões sobre o ser existente, o ser de possibilidades, será universalizada pela filosofia de Sartre, que se utiliza do método fenomenológico para elaborar um ensaio de ontologia sobre aquilo que se manifesta na condição humana.

Elementos bem gerais como a definição de que “existir é ser um ser possível”, defendidos pelos existencialistas, são visíveis na poesia de Álvaro de Campos, que além de identificar o homem como ser de possibilidades, procura viver todas as possibilidades de que for capaz. Isso se manifesta pela percepção do sujeito, em relação ao mundo real fora de si, como sendo contingente. Em Sartre, essa conclusão é acompanhada pelo sentimento de Náusea, provocada pela consciência que se sente existir.

O texto segue identificando os elementos do existencialismo sartreano no que diz respeito à necessidade e o desejo de estar para além da contingência. Mas, para a condição humana isso não é possível. A liberdade que o sujeito possui se expressa pela contingência em que este se encontra. Diferente de uma música, ou um romance, onde as coisas já são e não necessita de uma consciência individual para que seja, e não pode ser de outra forma senão como é.

Portanto, cabe ao ser que se percebe existindo eleger suas possibilidades. Em Álvaro de Campos, que se propõe a um projeto existencial por demais elevado, a não realização das possibilidades acarreta um cansaço inexplicável. Este sentimento se aproxima do que Sartre apresenta em Roquentin, protagonista de *A Náusea*, quando todos os projetos aos quais se propunha falharam. Mas, enquanto existir, sempre haverá possibilidades. É essa a vantagem da contingência: falhando umas possibilidades, parte-se para outras.

Para realizar o propósito deste trabalho foram utilizadas nove poesias de Álvaro de Campos, nas quais se identificam facilmente questões sobre o estar existindo. São elas: *Passagem das horas*, *Tabacaria*, *Pecado Original*, *Afinal*, *a melhor maneira de viajar é sentir...*, *Bicarbonato de soda*, *O que há em mim é sobretudo cansaço...*, *Não, não é cansaço...*, *Cruzou por mim, veio ter comigo, numa rua da baixa...* e *Eu, eu mesmo...* Como se está fazendo uma incursão filosófica pela literatura, foi utilizado aqui o romance de Sartre intitulado *A Náusea*, onde está esboçada a teoria existencialista que mais tarde será desenvolvida em obras propriamente filosóficas.

2 DE FERNANDO PESSOA A SARTRE: subjetividade, objetividade e universalidade

Como a proposta deste trabalho é fazer uma análise propriamente da poesia de Fernando Pessoa através do seu heterônimo Álvaro de Campos, é preciso compreender antes o percurso que se fará para não permanecer num subjetivismo.

A leitura proposta é, antes de tudo, uma leitura filosófica. A pretensão é perceber as questões existenciais expostas na obra de Pessoa tomando como base o existencialismo de Jean-Paul Sartre.

A realidade poética é, primeiramente, uma realidade subjetiva. É a expressão do sentimento de Fernando Pessoa que se apresenta na poesia. Uma realidade interior. Se permanecesse somente a este nível, seria difícil poder perceber algo passível de uma reflexão filosófica. Mas essa realidade subjetiva é externalizada, posta para o mundo das

objetividades, das realidades efetivas. A poesia é, pois, a expressão objetiva da realidade subjetiva do poeta.

Por isso, a poesia será tomada aqui como realidade objetiva, como manifestação de uma subjetividade, mas que pode ser separada desta, uma vez que se põe fora dela. Essa objetividade em Fernando Pessoa vai mais além da simples expressão na poesia. Ele objetiva isso de tal forma que sente como se já não fosse ele mesmo, mas um outro eu nele mesmo. Este outro eu será aqui Álvaro de Campos. O poeta cria este heterônimo, dá-lhe vida própria, um estilo, uma maneira de ser e estar no mundo, diferente daquela que seria a sua. Não é apenas a mudança de um nome, um pseudônimo, mas um modo de sentir diferente. Por esta razão, Álvaro de Campos, sua poesia, será tomado aqui como realidade objetivada por Fernando Pessoa.

Mas ele não é o único heterônimo. Entre os principais, onde se distingue mais claramente vida, estilo, sentimentos diferentes, estão também: Alberto Caeiro e Ricardo Reis. A razão de utilizar Álvaro de Campos diz respeito às questões postas por ele. Ricardo Reis está, de certo modo, tão preso ao presente, à proposta de *Carpe Diem*, que julga desnecessário, e até torturante, pensar no futuro; procura ao máximo viver o momento, remediar seus males presentes pela cultura antiga, despreocupado com o agir humano que conduza a uma vida cheia de sentido. Caeiro é antimetafísico demais para por a questão da existência em voga; pratica o realismo sensorial: o conteúdo original das coisas está no que vê. Álvaro de Campos, no entanto, é a imagem do homem que se preocupa com sua existência, procura um sentido, uma maneira de viver que o possa realizar; quer viver tudo, sentir tudo, realizar em si todas as possibilidades; entre todos, é a expressão mais forte do mundo contemporâneo. Eis porque ele se adequa mais perfeitamente ao propósito deste trabalho, que é investigar a experiência da pessoa humana como ser existente, como ser-*á*, que procura se fazer, construir a sua essência, dar um sentido para sua vida e que, por isso mesmo, experiencia a sensação de angústia, de medo, tem a sensação do nada, da Náusea.

Isso permaneceria, no entanto, ainda no nível pessoal, individual, se parasse na investigação da poesia de Álvaro de Campos. Seria muita mais uma interpretação textual que uma análise filosófica. Após olhar a realidade subjetiva de Fernando Pessoa e percebê-la de forma objetiva, pretende-se alargar isso para a condição humana. O perceber-se como existente e questionar isso é fato humano; somente este animal realiza esta atividade. As condições pelas quais passará o heterônimo em questão poderão, pois, serem universalizadas, uma vez transportadas para o âmbito da filosofia, como conhecimento universal.

A passagem para a universalidade se dará por meio de Jean-Paul Sartre, filósofo existencialista do século XX. A experiência pela qual passará Álvaro de Campos, dirá este filósofo, é uma experiência de quem passou do simplesmente estar existindo, para o pensar a própria existência. Esta sensação será identificada como a Náusea. É na obra que leva este nome que Sartre esboçará a sua filosofia da existência. Mesmo se tratando de um romance, mas um romance de um filósofo, em *A Náusea* está apresentado de forma prática às manifestações daquilo que constituirá uma das correntes do pensamento filosófico mais influentes de sua época.

O questionamento sobre a existência, como se tende a pensar, não ficará reduzido a meras observações de casos particulares, mas será trabalhado no âmbito daquilo que corresponderia à manifestação da condição humana em toda a sua amplitude. O trabalho de Sartre é um trabalho ontológico, mas uma ontologia daquilo que se manifesta, do ser-aí, das próprias coisas, enfim, da existência humana em toda a sua contingência. Como propõe o título de sua grande obra, *O ser e o nada*, ele elabora um ensaio de ontologia fenomenológica.

Trata-se de resolver o que constitui o problema último da filosofia; e também [...] trata-se de não partir do 'ser puro', abstrato, mas da existência humana, que é o ser concreto, e que, além disso, o ser que formula a pergunta pelo ser [...]. (FATONE, 1962).

Por isso, é possível transferir aquele sentimento de Fernando Pessoa expresso em Álvaro de Campos para o âmbito de uma Antropologia Filosófica, como sentimento universal do ser existente - o homem.

3 EXISTIR É SER UM SER POSSÍVEL: a contingência e o sentimento da náusea

O título acima, evocado por Vicente Fatone, explicita a premissa originária do existencialismo para se referir ao homem, ao seu ser, sua existência: "existir é ser um ser de possibilidades". Possibilidades essas que permitem ao homem como ser-aí se realizar, constituir-se, buscar sua essência perdida na gratuitidade, facticidade e por isso, absurdidade da vida. Dentro dessas possibilidades, o homem possui liberdade total para escolher, o que implica diretamente a responsabilidade de suas escolhas. Se for realizado ou não o projeto existencial, seu idealizador é o grande responsável.

Fernando Pessoa reconhecerá a existência como possibilidade em Álvaro de Campos. Este se encontra diante do questionar sua existência, de perceber suas possibilidades e de realizar em si um ser todo, completo.

Sentir tudo de todas as maneiras,
Viver tudo de todos os lados,
Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis
ao mesmo tempo,
Realizar em si toda a humanidade de todos os
momentos
Num só momento difuso, profuso, completo e
longínquo.
(Passagem das horas).

Álvaro de Campos, em sua existência, percebe o homem como ser de possibilidades. Mas não busca meramente viver somente seu eu, sua contingência. O desejo manifesto acima é, acima de tudo, uma não aceitação da limitação que Campos vê na condição humana. Ele quer ser mais, quer buscar mais, “de todos os modos possíveis”. Grande é, pois, o propósito a que ele se coloca. Mas ao escolher, é preciso lançar-se a esse objetivo, “despir-se”, “entregar-se”; construir o seu projeto existencial. Será, então, o próprio sujeito responsável pela realização, ou não, do mesmo.

Nesse percurso de pôr-se a pensar a existência, de ver-se como ser possível e buscar a realização dessas possibilidades, a pessoa passa por um processo. Processo de descoberta do mundo externo como realidade fora de si, por isso, existente independente dele; descoberta de sua própria existência, de suas condições de existente. Esse processo será marcado profundamente pelo que Sartre chama de Náusea. Sentimento este que coloca o sujeito cara a cara consigo mesmo, com o mundo das manifestações, com o desejo do inexistente, da necessidade. Mas a verdade é que o ser que pergunta sobre a existência perceberá, então, que não é um ser necessário, mas totalmente contingente.

Há, portanto, uma relação entre a modificação do sujeito causada pela náusea e a aproximação progressiva do desvelamento da existência como contingência. As manifestações da náusea são, ao mesmo tempo, modificações do sujeito, primeiramente porque implicam mudanças na relação entre sujeito e as coisas. Tanto é assim que tais modificações são sentidas antes fora do sujeito, nas coisas e nas pessoas com quem ele se relaciona (SILVA, 2004, p. 81).

Antoine de Roquentin, protagonista do romance *A Náusea*, sentirá as manifestações desse sentimento a partir da relação com o mundo fora de si. Sentirá com o seixo na mão à beira da praia, a folha de papel amassada na lama, o estar no café, na faca que segura no café Mably, na raiz do castanheiro sob seus pés. Algo que vinha de fora para dentro, como expressa no café ao olhar Adolphe, suas roupas, a sala:

Sua camisa de algodão azul sobressai alegremente contra a parede cor de chocolate.

Também isso me dá Náusea. Ou antes, é a Náusea. A Náusea não está em mim: sinto-a ali na parede, nos suspensórios, por todo lado ao redor de mim. Ela forma um todo no café: sou eu que estou nela [...]. (SARTRE, 1983, p. 39).

Nesse processo, o sujeito toma consciência de si e do mundo físico, percebe-se como fazendo parte de um mundo. É o sentimento do sentir-se existindo. Este sentimento de Náusea, Álvaro de Campos expressará muitíssimo bem em seu poema Bicarbonato de soda:

Súbita, uma angústia...
Ah, que angústia, que náusea do estômago à alma!
Que amigos que tenho tido!
Que vazias de tudo as cidades que tenho percorrido!
Que esterco metafísico os meus propósitos todos!

Uma angústia,
Uma desconsolação da epiderme da alma,
Um deixar cair os braços ao sol-pôr do esforço...
Renego.
Renego tudo.
Renego mais do que tudo.
Renego a gládio e fim todos os deuses e a negação deles.
Mas o que é que me falta, que o sinto faltarme no estômago e na circulação do sangue?
Que atordoamento vazio me esfalfa o cérebro?

O sentimento da Náusea não é meramente um atordoamento fisiológico, é algo que atravessa o corpo e “sobe” à alma, algo que se reflete no existir mesmo após uma reflexão sobre esse estar-aí. Álvaro de Campos tenta fugir a isso, mas não pode escapar à existência. Renega tudo, todas as coisas, até mesmo a fio de espada, mas a existência não lhe pode escapar. Por isso, não importa o que faça. Esse atordoamento

permanecerá enquanto ele pôr-se a pensar como ser no mundo. “A existência é uma plenitude que o homem não pode abandonar” (SARTRE, 1983, p. 197).

Quanto mais forte se torna a Náusea, mais próximo o sujeito se torna da percepção de sua contingência. Mas isso não é para que se fuja da realidade. Pelo contrário, esse encontro do sujeito consigo mesmo, com sua real condição de ser-no-mundo, o torna capaz de vivenciar melhor suas possibilidades. Encontrando-se o homem com o seu nada, encontra-se também com aquilo que é sua condição própria, como ser que se constrói, constrói sua existência, elege suas possibilidades.

Não sou nada.

Nunca serei nada.

Não posso querer ser nada.

À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

(Tabacaria).

Assim o reconhece Álvaro de Campos, demonstrando que o seu nada não implica um não existir ou um desistir da existência, mas o reconhecer que tem em si “todos os sonhos do mundo”, todas as possibilidades. O nada do homem se expressa pela sua contingência, por sua não necessidade. “[...] era nada porque era demais” (SARTRE, 1983, p. 193).

4 O DESEJO DE PROLONGAR A EXISTÊNCIA PARA ALÉM DA CONTINGÊNCIA

A relação sujeito e objeto é marca profunda no sentimento de Náusea. Há uma mudança no modo de ver a realidade após esta reflexão. É um sentimento angustiante porque o sujeito não se sente mais como sendo necessário, percebe que é contingente, não há possibilidade de ter um futuro

previsível sem a construção das possibilidades. O homem é livre para se construir e o estar sendo no futuro depende de sua construção do presente. É isso que Sartre expressará com o ser demais.

O personagem Roquentin faz fortes críticas aos Salafários que encontra pintado no museu de Bouville, que se sentiam necessários pelos seus atos.

Nenhum dos que ali estavam representados morrera celibatário, nenhum deles morrera sem filhos nem intestado, nenhum sem os últimos sacramentos. Quidem com Deus e com o mundo, naquele dia como nos outros, aqueles homens tinham deslizado suavemente para a morte, para ir exigir a parte da vida eterna a que tinham direito.

Pois tinham direito a tudo: à vida, ao trabalho, à riqueza, ao mando, ao respeito e, para terminar, à imortalidade. (SARTRE, 1983, p.126-127.).

Sartre rompe, deste modo, com a petrificação dos valores estabelecidos na sociedade. O ato de repulsa de Roquentin sobre aqueles homens representa uma não aceitação da louvação à que, segundo os parâmetros da sociedade, a eles era devida, como se a existência deles tivesse sido necessária, como que sem eles não pudessem existir todas as coisas. “Não há nenhum que não se julgue necessário a alguém ou a alguma coisa” (SARTRE, 1983, p. 166). Não é um deixar de reconhecer a atividade por eles exercida, mas perceber a sinceridade do homem consigo mesmo, perceber “que a importância exterior e mundana não é suficiente para constituir uma verdadeira vida moral e uma verdadeira sinceridade humana, que a suficiência dada pela notabilidade seja ilusão sem valor” (FATONI, 1962).

A relação de sujeito/objeto é marcada por essa contingência. Sem um sujeito determinado as coisas continuam a existir; elas não dependem da consciência de um único sujeito para existir. Mas quanto a elas só se pode dizer: elas fazem parte do “meu” mundo, quando tenho

contanto com elas. Mas não sou a condição de existência para elas. E isso se percebe muito claramente quando Roquentin está na praça e enfim reconhece a Náusea.

[...] não tínhamos a menor razão para estar ali, nem uns nem outros, cada ente confuso, vagamente inquieto, se sentia demais em relação aos outros. *Demais*: era a única relação que podia estabelecer entre aquelas árvores, aquelas grades, aquelas pedras. [...] Eu sentia o arbitrário dessas relações (que obstinava em manter para retardar o desabamento do mundo humano, das medidas, das quantidades, das direções).

[...] E eu – fraco, lânguido, obsceno, digerindo, revolvendo pensamentos sombrios –, *também eu era demais*[...]. (SARTRE, 1983, p. 190, grifo do autor).

Para Sartre, ao escrever o romance, não havia nenhuma necessidade que obrigasse àquela cena. Tudo existiria ali sem a presença de Roquentin. A percepção desse modo de existir é expressa por Álvaro de Campos na poesia *Afinal*, a melhor maneira de viajar é sentir...: “Porque todas as coisas são, em verdade excessivas/ E toda a realidade é um excesso, uma violência”. Mas o poeta quer poder ser mais, quer realizar todo o possível, para não ser somente ele, somente a contingência. Ao perceber esse seu estado, procura viver todas as possibilidades.

Quanto mais eu sinta, quanto mais eu sinta
como várias pessoas,
Quanto mais personalidade eu tiver,
Quanto mais intensamente, estridentemente
as tiver,
Quanto mais simultaneamente sentir com
todas elas,
Quanto mais unificadamente diverso,
dispersadamente atento,
Estiver, sentir, viver, for,
Mais possuirei a existência total do universo,

Mais completo serei pelo espaço inteiro fora.
Mais análogo serei a Deus, seja ele quem for,
Porque, seja ele quem for, com certeza é Tudo,
E fora d'Ele há só Ele, tudo para Ele é pouco.
(Afim, a melhor maneira de viajar é sentir...)

Para Álvaro de Campos, “viver tudo de todas as maneiras” seria a maneira de fugir à contingência à qual se encontra limitado. É desejo da necessidade, de existir para além da contingência. Quanto a isso, Sartre também se referirá, quando escreve a sensação de Roquentin ao ouvir a música *some of these days* pela última vez.

Todas as vezes que ouviu a música, a Náusea se foi, ou deixou de aparecer. Ele já sabe por quê. A descoberta da existência é também a descoberta da separação entre *existir e ser*. Assim como pôde *ver* que existir, pôde, há pouco, também ver que a música não existia: ela é. Não se submete à contingência, figura a absoluta necessidade, até quando sofre, o faz em *compasso* (SILVA, 2004, p. 94, grifo do autor).

A música não existe porque não depende de nada. Quando Roquentin pensa em quebrar o disco, percebe que é inútil, pois a música está para além do disco, para além da sua consciência e de qualquer pessoa que a ouça. E por estar na consciência de todas as outras pessoas, isso garante a possibilidade de perpetuação de seu autor, mesmo o fato de ele a ter escrito ser totalmente contingente. Para Álvaro de

Campos, isso é possível pela realização em si de todas as possibilidades. “Que é da minha realidade, que só tenho a vida? / Que é de mim, que sou só quem existo?” (Pecado original), se interroga.

Mas nem para Roquentin nem para Álvaro de Campos é possível ser para além da contingência. O que resta é apenas eleger para si suas possibilidades e buscar vivê-las. Sem elas não existe razão para a existência. No entanto, a não realização destas possibilidades conduz a um desagrado, a um sentimento de desconforto, a um cansaço inexplicável.

5 O CANSAÇO: a não realização das possibilidades

Existe um elemento marcante na poesia de Álvaro de Campos, marca sem dúvidas de um profundo sentimento de irrealização, de falha das possibilidades, dos propósitos aos quais ele se tinha colocado. É o sentimento que, sem uma identificação clara, ele chama de cansaço. Um sentimento ainda que, como a Náusea, parte do sentir-se ser-aí com as outras coisas, do perceber-se contingente, do querer prolongar sua existência para além da contingência.

A apresentação desse sentimento de desalento é expressa de forma clara em dois poemas: O que há em mim é sobretudo cansaço... e Não, não é cansaço..., estando, pois, como num sentido de complementaridade, de continuação. No primeiro, lê-se:

O que há em mim é sobretudo cansaço -
Não disto nem daquilo,
Nem sequer de tudo ou de nada:
Cansaço assim mesmo, ele mesmo,
Cansaço.

Aqui ele identifica algo como um cansaço, aparentemente, sem explicação. Não é um cansaço físico, “de tudo ou de nada”, é algo que Álvaro de Campos identifica em si por não se enquadrar dentro dos modos de vida vistos nos outros seres humanos. Uma tentativa de explicar esse cansaço vem no segundo poema:

Não, não é cansaço...
É uma quantidade de desilusão
Que se me entranha na espécie de pensar,
É um domingo às avessas
Do sentimento,
Um feriado passado no abismo.

Não, cansaço não é...
É eu estar existindo
E também o mundo,
Com tudo aquilo que contém,
Como tudo aquilo que nele se desdobra

E afinal é a mesma coisa variada em cópias.
Não. Cansaço por quê?
É uma sensação abstrata
Da vida concreta -

Na tentativa de explicar esse cansaço, Álvaro de Campos atribui isso a várias coisas, chegando a afirmar que ele é provocado pelo fato mesmo de estar existindo, da vida concreta, como o sentimento da Náusea. Mas angustia-se por não saber o que é ao certo. “Se soubesse, não haveria em mim este falso cansaço” (Não, não é cansaço...). Sem conseguir, porém, uma explicação plausível, ele se entrega ao que sente, procura vivê-lo e confirma-o: “Porque oiço, veja/ Confesso: é cansaço!...” (Não, não é cansaço...).

Algo parecido com esse cansaço de Álvaro de Campos, Sartre o evidencia no final d'A Náusea, quando Roquentin vive seus últimos momentos em Bouville, após todos os seus projetos terem falhado. Antes afirmara Roquentin que a justificativa que ainda encontrava para estar existindo era o fato de estar escrevendo um livro de História sobre o Sr. de Rollebon. Esse empreendimento falhara, e não percebera mais a necessidade de escrever um livro de História; quererá escrever um romance, que, por não tratar de fatos reais, traz à consciência aquilo que não existe, e que, portanto, não é contingente, assim como a música que ouvia. Em seguida, a razão de sua existência passa a ser reencontrar Anny, em Paris, com quem viveu parte de sua vida e que agora tinha a possibilidade de revê-la e, talvez, ter com ela algo de significativo para sua vida. Mas o encontro com Anny também foi desesperador, nada do que ele esperava aconteceu.

Antoine Roquentin retorna para Bouville para viver ali seus últimos momentos. Tudo dele desmoronara: a vida tranqüila naquela cidade, o livro sobre o Sr. de Rollebon, o reencontro com Anny. Não encontrava na existência nenhuma razão para perpetuá-la. Aqui, sem dúvida, fizera a si mesmo a pergunta que Álvaro de Campos se faz em Bicarbonato de soda:

Devo tomar qualquer coisa ou suicidar-me?
Não: vou existir. Arre! Vou existir.
E-xis-tir...
E-xis-tir...

A existência não é algo que se pode escapar dela assim tão facilmente. Existem outras possibilidades. Roquentin sente, então, ao dar o seu último passeio por Bouville um profundo cansaço, um sentimento de irrealização. Nem mesmo a Náusea é capaz de sentir: “A Náusea me concede uma trégua curta. Mas sei que voltará: é meu estado normal. Só que hoje meu corpo está muito extenuado para suportá-la” (SARTRE, 1983, p. 229). Tudo o que restava para ele era “a existência que sente existir” (SARTRE, 1983, p. 247).

Mas algo é louvável em Roquentin: ele não desiste da existência. Falhadas essas possibilidades, ele parte para outras, afinal existir é sempre “ser um ser possível”. Por isso resolve abandonar o livro, Bouville, a lembrança de Anny. Ele não existe para mais nenhuma dessas coisas. Por isso afirma como Álvaro de Campos: “Vou existir!”, pois a vantagem de ser contingente é ser livre sempre para escolher novas possibilidades.

6 CONCLUSÃO

Após essa reflexão partindo das poesias de Álvaro de Campos e, em seguida, enveredando pela filosofia por meio do existencialismo sartreano, é que se pode afirmar a presença de um existencialismo poético, um Fernando Pessoa existencialista, um fazer poético que é expressão do sentimento de estar existindo, do estar construindo-se como ser-aí, dentro das possibilidades que são dadas à condição humana. Um elemento importante, no entanto, é preciso lembrar: Fernando Pessoa coloca essas reflexões já bem antes de Sartre começar a esboçar seus primeiros pensamentos filosóficos sobre a existência. O heterônimo Álvaro de Campos surge por volta de 1916. A Náusea de Sartre, onde ele começa a esboçar seu pensamento filosófico sobre a existência, data de 1938. O que implica dizer que antes de Sartre, Fernando Pessoa já se

preocupava em pensar a existência, de forma direta, expressando esse sentimento de estar existindo, mas, claro, de forma poética, como expressão subjetiva do seu existir, o que poderá ser tomado como sentimento humano, na medida em que se torna objeto da Filosofia.

É possível afirmar que o sentimento da Náusea é, com certeza, o sentimento de estar existindo, de pensar sobre as possibilidades da vida, de perceber a necessidade de um projeto existencial. Isso conduz também à afirmação de que Álvaro de Campos é Fernando Pessoa com a Náusea. Esse seu heterônimo é responsável por demonstrar o sentimento de quem se sente existir, de quem pensa sua existência, de quem busca realizar suas possibilidades.

Talvez fosse a vontade de Fernando Pessoa tornar-se ser para além de sua simples existência, como o quisera Roquentin ao ouvir a música no Café Mably, que o fez criar Álvaro de Campos. O desejo de fugir à existência e ser ao invés de apenas existir. Não existe necessidade para existir, o ser existente não é um ser necessário, mas contingente. Sem um determinado existente as coisas reais permanecem, o mundo físico permanece, continua com seu funcionamento normal.

A não realização dessas possibilidades conduz, conforme expressa Álvaro de Campos, a um cansaço, um cansaço que não é apenas físico, mas é provocado pelo fato mesmo de existir. Isso deve conduzir a uma reflexão de novas escolhas, de novas possibilidades que podem ser realizadas. A vantagem de ser um ser contingente é que se é livre, livre para eleger suas possibilidades, livre para construir-se, por não ser já pronto determinado, afinal, “existir é ser um ser de possibilidades”.

REFERÊNCIAS

FATONE, Vicente. **Introdução ao existencialismo**. 4. ed. Buenos Aires: Columba, Esquemas, 1962. [O livro de Fatone é citado segundo aulas ministradas pelo Prof. José de Anchieta Corrêa, na UFMG]

KAMPITS, Peter. Jean-Paul Sartre. In: FLEISHCER, Margot. (Org). São Leopoldo: UNISINOS, 2004. (Coleção história da Filosofia, 8).

PESSOA, Fernando. Ficções do interlúdio: Poesias de Álvaro de Campos. In: **Obra poética**. 9.ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

SARTRE, Jean-Paul. **A náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

SILVA; Franklin Leopoldo e. **Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios**. São Paulo: UNESP, 2004. (Coleção biblioteca de Filosofia).